

# A Globalização da Sexualidade: Entrevista com Jon Binnie

**Joseli Maria Silva**

(Grupo de Estudos Territoriais / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil)

**Marcio Jose Ornat**

(Grupo de Estudos Territoriais / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil)

O Brasil sediou esse ano o encontro mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, trazendo à tona a necessidade de pensar a diversidade mundial por meio de ações articuladas, cooperativas e solidárias. A existência social ocorre de forma inevitavelmente conectada e, apesar de negligenciada pela teoria social e pelos organismos globais, a sexualidade é um importante elemento de análise da globalização. Pensar nas características e formas de conexões entre diferentes locais é uma das preocupações de Jon Binnie, que publicou no ano de 2004 o livro 'A Globalização da Sexualidade'. Esse instigante pesquisador argumenta que os processos econômicos e políticos são também culturais, trazendo a sexualidade para o debate em torno das relações internacionais.

Jon Binnie realizou seu doutorado em 1997 na University College London com a tese intitulada 'A Geography of Urban Desires: Sexual Culture and the City'. Além de ter se constituído em um dos mais influentes geógrafos na área das sexualidades, atualmente é professor de Geografia Humana do Departamento de Ciências Ambientais e Geográficas da Manchester Metropolitan University e entre 2006 e 2009 ocupou a diretoria do Manchester Institute of Social and Spatial Transformations.

Autor de uma série de livros que inspiram muitos de nós, pesquisadores das sexualidades da América Latina, agora se coloca ao nosso lado de forma colaborativa para enriquecer com suas ideias a Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Sua trajetória científica, assim como suas posturas políticas são foco dessa entrevista. Esperamos a partir dela incitar outros geógrafos latinos a explorar o imenso campo das sexualidades, tal como ocorreu conosco.

**Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat: O livro 'The Globalization of Sexuality', publicado em 2004, realiza uma crítica ao etnocentrismo da teoria**

**queer e à ideia de universalidade gay, incorporando a necessidade de pensar elementos como classe, raça e economia aos estudos LGBT e queer. Quais são as possibilidades de ações de solidariedade entre diferentes locais a partir da incorporação desses elementos à ideia de sexualidade?**

**Jon Binnie:** Uma das principais preocupações em meu trabalho tem sido a análise da conexão entre as políticas de desejo sexual e problemas mais amplos de ordem socioeconômica e política. Eu escrevi 'The Globalization of Sexuality' pela frustração com as principais vertentes do transnacionalismo e da globalização que, muitas vezes, ignoraram a sexualidade como uma significativa dimensão da política global e transnacional. Eu também fui motivado pela negligência da sexualidade na literatura heteronormativa da globalização e do transnacionalismo, nas relações feministas internacionais e na Geografia Feminista. Além disso, eu estava frustrado pelas formas em que as dimensões econômicas foram negligenciadas nas pesquisas sobre sexualidades e a maneira como a política sexual tem sido enquadrada como sendo 'meramente cultural' (BUTLER, 1997). Eventos tais como o 'IDAHO' (International Day Against Homophobia and Transphobia) e o 'Gay Games' promovem a noção da solidariedade global LGBT. Muitos eventos do orgulho gay, à propósito, tem agora um foco global ou internacional e podem promover a auto-consciência global e a solidariedade LGBT. Um exemplo foi o evento do orgulho gay desse ano em Munique com o lema 'Luta por Direitos Globais: Solidariedade Não Conhece Fronteiras'. Enquanto essas formas de solidariedade que cruzam as fronteiras podem ser muito poderosas e importantes simbolicamente no apoio para as lutas LGBT em todo o mundo, nós devemos estar atentos para as diferentes forças que moldam as conexões transnacionais em relação às

sexualidades e o perigo que tais formas de solidariedade podem trazer. Determinadas solidariedades podem ter efeitos danosos pela reprodução da noção hegemônica geo-temporal de progresso, do paternalismo ocidental e das concepções etnocêntricas das culturas sexuais dissidentes. Embora, com certeza, seja importante desafiar a homofobia e a transfobia em todos os contextos, necessitamos reconhecer que essa resistência pode ter, algumas vezes, efeitos prejudiciais, particularmente se essa resistência falha em reconhecer a importância da raça e da classe. Como estudiosos do direito têm observado, tal como Leslie Moran, os bem intencionados policiamentos de campanhas realizadas contra homofóbicos crimes de ódio podem criminalizar a classe trabalhadora e jovens de minorias étnicas. Necessitamos, portanto, questionar as políticas interseccionais de ações de solidariedade entre atores localizados em diferentes lugares. A política transnacional e interseccional de solidariedade trazem para o conhecimento políticas relacionais de escala, territorialidade e redes, concebida pelo caminho pioneiro trilhado por Michael Brown e Stephen Legg. Apesar do valioso trabalho de Richard Phillips sobre as políticas sexuais do imperialismo, muito mais esforço deve ser empreendido para descolonizar as geografias das sexualidades. Como Natalie Oswin (2008) tem argumentado, raça tem sido colocada à margem nas geografias das sexualidades e ainda há uma carência de trabalhos e perspectivas de geógrafos *queer* não brancos. Além disso, há poucos trabalhos que examinam as políticas interseccionais de raça e classe. O trabalho de Andy Tucker (2009) é, assim, inovador pelo questionamento da política interseccional de raça e classe em sua análise da geografia social e econômica das visibilidades *queer* na Cidade do Cabo. Embora a pesquisa sobre sexualidades tenha sido incorporada na Geografia Social e Cultural e em menor medida na Geografia Política, a Geografia Econômica, ainda permanece imune às pesquisas de sexualidades. A relação entre economia e sexualidade tem sido talvez mais substancialmente pesquisada nos estudos sobre o trabalho sexual – com Phil Hubbard, pioneiro nesse campo. Embora a pesquisa sobre o trabalho sexual e as geografias sexuais de gentrificação, revitalização e turismo, explicitamente analisam a interconexão entre o sexual e econômico, as Geografias das Sexualidades estão sempre rotuladas como culturais e em oposição à Geografia Econômica. Embora Linda McDowell tenha desenvolvido uma extensa pesquisa sobre gênero, sexualidade e locais de trabalho, a política sexual do trabalho permanece relativamente inexplorada, se comparada com a política sexual do consumo.

**JMS e MJO: Em 'Coming out of Geography', publicado em 1997 na revista *Environment & Planning D*, há um apelo para pensar a epistemologia e a metodologia da Geografia a partir do *queer*. Quais são os avanços na produção do conhecimento geográfico que podem ser apontados nesse sentido?**

**JB:** Eu escrevi o artigo 'Coming Out of Geography' para tentar entender e desafiar a marginalização da sexualidade na Geografia Anglo-americana em meados da década de 90. Apesar da virada cultural e do entusiasmo das abordagens pós-modernas na Geografia Humana Anglo-americana, no tempo em que estavam em primeiro plano as noções de diferença e diversidade no conhecimento geográfico, a sexualidade foi um aspecto da experiência da diversidade que esteve largamente ausente dos debates daquela época. Daí a importante intervenção de David Bell (1991) em 'Insignificant others: lesbian and gay geographies'. Esse artigo argumenta que lésbicas e homens gays foram os menos visíveis 'outros' na Geografia. O artigo 'Coming Out of Geography' foi fortemente influenciado pelas críticas geográficas feministas das políticas de gênero na produção do conhecimento em Geografia Humana (MCDOWELL, 1992; MONK e HANSON, 1982; ROSE, 1993). Ao mesmo tempo, ele busca criticar o heterossexismo e o essencialismo em alguns trabalhos feministas nessa área. Eu argumento que para compreender a marginalização das sexualidades na Geografia Humana era necessário reconhecer o patrimônio disciplinar da Geografia Anglo-americana, sua proximidade com as ciências naturais e a relativa dominação do positivismo, tão bem como o heroico masculinismo associado às explorações do trabalho de campo. Quando comparadas com a Geografia, outras disciplinas como a Antropologia, História, Sociologia e Estudos Culturais pareciam ser mais receptivas aos trabalhos sobre sexualidades naquele tempo. O texto demonstrou a relação ambivalente entre as perspectivas *queer* e feministas na Geografia Humana. A abordagem *queer* foi possibilitada e facilitada pelo crescimento das Geografias Feministas, mas também foi constringida pelo sexismo desta última. Seria fácil enquadrar o desenvolvimento das geografias das sexualidades em termos de uma narrativa de progresso. Realmente, desde meados dos anos 90, o crescimento de publicações nessa área tem sido espetacular. As revistas mais importantes da área tal como a 'Society and Space' e a 'Social and Cultural Geography' apresentam regularmente trabalhos sobre sexualidade. Por exemplo, Natalie Oswin editou recentemente um volume especial virtual sobre sexualidade e espaço na

'Society and Space'. A sexualidade é atualmente apresentada em cursos na Geografia Humana Anglo-americana, particularmente na Geografia Social e Cultural. Entretanto, eu não acredito que seja útil mobilizar uma narrativa de progresso aqui, pensando por meio de metodologias e epistemologias em relação às Geografias das Sexualidades. Como tem argumentado David Bell (2011), é importante reconhecer o que se perde nas narrativas de progresso de desenvolvimento das Geografias das Sexualidades. Ele sugere que as narrativas de desenvolvimento podem, muitas vezes, reproduzir uma história triunfalista. Tais narrativas são sempre seletivas e escritas pelos centros geográficos da disciplina e as periferias são negligenciadas (JOHNSTON e LONGHURST, 2010). Anoop Nayak e Alex Jeffrey (2011) têm argumentado que as Geografias das Sexualidades desafiam as formas como os geógrafos fazem as pesquisas. Entretanto, eu gostaria de argumentar que esse desafio metodológico e epistemológico da Geografia frequentemente permanece obscuro e que as Geografias das Sexualidades têm impactado significativamente nas práticas da pesquisa geográfica. Em termos de metodologia e epistemologia é ainda raro ler relatos que a sexualidade está em primeiro plano no processo de pesquisa. O ensaio de Gavin Brown (2008) sobre as práticas materiais do sexo em banheiros públicos é uma importante exceção. Refletindo posteriormente sobre 'Coming Out of Geography' eu observei que ainda devo escrever mais direta e explicitamente sobre o sadomasoquismo, pois há ainda poucas pesquisas sobre o tema nas Geografias das Sexualidades. O trabalho de Eleanor Wilkinson (2009) é uma notável exceção. A crítica da compreensão heteronormativa de gênero tem sido apresentada nas Geografias *Queer*, embora a pesquisa transgenerificada do espaço tenha sido esparsa (DOAN, 2007, BROWNE, NASH e HINES, 2010, NAMASTE 1996). Da mesma forma, excetuando as discussões sobre o espaço bissexual de David Bell (2007) e Hemmings (1995), a bissexualidade tem sido um tema pouco explorado na Geografia das Sexualidades. Há muitas lacunas significantes nas Geografias das Sexualidades, como por exemplo, em termos de geografia das Crianças, dos cursos de vida e intergeracionais. Além disso, eu gostaria de argumentar que alguns aspectos e constrangimentos institucionais de pesquisa nessa área pode, de fato, ser piores agora, se comparados com os anos 90. Por exemplo, o crescimento da cultura de auditorias éticas de saúde e segurança na educação superior no Reino Unido pode reprimir inovações nas práticas metodológicas e racionalizar e institucionalizar escrúpulos sobre o conhecimento

sexual corporificado. A pressão institucional para conduzir a pesquisa que seja aplicada e tenha uma função empresarial pode inibir pesquisas que buscam examinar as sexualidades em um caminho inovador e crítico. Além disso, como eloquentemente argumentou Joseli Maria Silva (2011), é importante reconhecer as dimensões transnacionais da produção do conhecimento nas Geografias das Sexualidades, a dominação da língua inglesa e as práticas de citações pelas quais os trabalhos produzidos em determinados contextos geográficos possuem um maior reconhecimento científico do que outros que são produzidos em outros locais (BINNIE, 2011).

**JMS e MJO: O livro 'Pleasure Zones: Bodies, Cities, Spaces' publicado em 2001 chama a atenção para o corpo e suas implicações espaciais, trazendo um conjunto diversificado de abordagens sobre essa relação. A obra contribuiu para a ampliação da abordagem do corpo na perspectiva *queer* da geografia?**

**JB:** Eu vejo uma forte conexão ente a Geografia do Corpo e a Geografia *Queer*. Eu escrevi minha tese de doutorado na UCL no começo dos anos 90, na mesma época em que Julia Cream estava pesquisando os efeitos da tecnologia da pílula no corpo sexuado. Nós frequentemente discutíamos os limites teóricos e metodológicos em escrever e pesquisar sobre o corpo sexuado e sexualizado. Na verdade, o trabalho de Julia Cream sobre o o corpo sexuado e de Linda McDowell sobre o corpo nos locais de trabalho foram contribuições chave para o livro 'Mapping Desire'. A ideia de 'Pleasure Zones' surgiu no Encontro da Associação Americana de Geografia em São Francisco em 1994, quando David e eu encontramos com Robyn Longhurst pela primeira vez. Mais tarde, naquele ano eu encontrei Robin Peace na Conferência Regional da União Geográfica Internacional em Praga. 'Pleasure Zones' é um exemplo de prazer de solidariedade internacional em relação às Geografias das Sexualidades, mas também um exemplo de dificuldades desse tipo de projeto. Trabalhar em conjunto no livro trouxe um mútuo suporte de pesquisadores trabalhando em diferentes contextos que nem sempre estavam referenciados nos trabalhos *queer* feministas que buscavam questionar a natureza descorporificada da investigação geográfica. O livro foi, desse modo, produzido pelo desejo de escapar do isolamento intelectual que nós sentíamos. Além disso, o livro buscava enfrentar a política de localização e marginalização de geógrafos de Aotearoa – Nova Zelândia em relação ao domínio geográfico do hemisfério norte. Entretanto, o livro também foi uma

reflexo das barreiras físicas, apesar dos contatos virtuais e das correspondências por e-mail. O contato face a face é muito importante em tais projetos e a ausência do contato físico naquela época prejudicou o progresso do livro. Se nós tivéssemos nos comunicado em diferentes línguas nesse projeto, teria sido obviamente mais difícil. A tirania da distância significa que ela tem sido penosa para construir essa colaboração, apesar da posição relativamente privilegiada que nós mantemos na academia. Muitos textos sobre o corpo na Geografia está em nível abstrato, enquanto o trabalho de Robyn Longhurst sobre a gravidez e a gordura corporal tem sempre buscado empurrar metodologicamente as fronteiras em termos de uma Geografia corporificada. É às vezes penoso rotular ou julgar alguma pesquisa como sendo mais queer do que outras. Ainda assim, eu certamente penso que a pesquisa de Robyn sobre a corporificação foi pioneiramente queer na resistência às normas metodológicas na Geografia, inclusive na Geografia Feminista que repudia a materialidade dos corpos 'fora de ordem'. Na introdução do livro 'Pleasure Zones', Robyn Longhurst, Robin Peace e eu argumentamos que a Geografia como disciplina tem sido notavelmente relutante no estudo de prazeres que não seja uma concepção psicanalítica, reducionista e pura do desejo. O prazer, como uma parte crucial da materialidade corporificada, merece um séria, crítica (mas também prazerosa) atenção (2001, xi). Os textos de 'Pleasure Zones' procuram examinar os limites da reprodução das 'Geografias Corporificadas' em oposição às 'Geografias do Corpo'. Há uma década do livro 'Pleasure Zones', há muitos exemplos de trabalhos que estão impulsionando as fronteiras e trazendo elementos inovadores no pensamento sobre a corporificação em novos e excitantes caminhos. Por exemplo, o trabalho de Bethan Evans, Rachel Colls e Robyn Longhurst sobre as geografias críticas das gorduras. Contudo, eu gostaria de argumentar que é ainda mais fácil escrever sobre o corpo de maneira abstrata, no sentido desencorporado. Há também custos profissionais e pessoais na pesquisa corporificada que explica o curso da manutenção da natureza descorporificada do conhecimento geográfico.

**JMS e MJO:** Em 2000 o livro 'The Sexual Citizen' publicado em conjunto com David Bell explora os direitos sexuais na perspectiva do espaço. Essa ideia contribuiu para o diálogo entre a Geografia e outros campos das ciências sociais e da teoria queer?

**JB:** O livro 'The Sexual Citizen' foi escrito no contexto de transformações do *status* legal de homens

gays e de lésbicas no Reino Unido nos anos 90 e das campanhas pela igualdade da maioria, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e do direito ao serviço militar. Escrevendo o livro, David Bell e eu procuramos produzir o sentido dessas transformações no contexto dos debates acadêmicos na teoria *queer* e nas Geografias das Sexualidades. Eu gostaria de pensar que 'The Sexual Citizen' tem auxiliado a ir mais além no diálogo entre os geógrafos e outras ciências sociais em relação à dimensão espacial das políticas sexuais. Contudo, esse diálogo já foi bem estabelecido no Reino Unido – particularmente com estudiosos do direito feminista e *queer*, tais como Leslie Moran, Davina Cooper e Carl Stychin. Davina Cooper tem estado engajada nas políticas do espaço e publicado em periódicos da área de geografia. Trabalhando na minha tese doutoral no começo dos anos 90 eu necessitei desenvolver redes de apoio fora da Geografia e a interdisciplinaridade tem sido fundamental em meu trabalho. O trabalho e o suporte interdisciplinar foi particularmente importante durante o meu doutorado quando eu me senti bastante isolado. Ambos, David e eu temos trabalhado em contextos interdisciplinares. Eu trabalhava na Escola Interdisciplinar de Ciências Sociais em Liverpool na John Moores University e ensinava aos estudantes de Justiça Criminal, tanto quanto aos estudantes da Geografia. David trabalhou com Estudos Culturais por muitos anos, antes de retornar à Geografia. Nós procuramos promover esse diálogo com um volume especial de 'Political Geography' sobre as geografias da cidadania sexual (BELL e BINNIE, 2006). As pesquisas colaborativas têm sido inestimáveis ferramentas de suporte emocional e as amizades têm sido particularmente importantes para superação do isolamento intelectual.

**JMS e MJO:** No texto 'Researching transnational solidarities around LGBTQ politics in Poland: brief reflections', publicado em 2009, juntamente com Christian Klesse, há uma preocupação em discutir as formas de cooperação e solidariedade política entre locais com diferentes culturas. Como a solidariedade nas políticas LGBT pode ocorrer entre países com um marcante passado colonial, como é o caso dos países da América Latina (colonizados) e os países da Europa ocidental (colonizadores)?

**JB:** No projeto de pesquisa sobre as solidariedades transnacionais nas políticas LGBTQ na Polônia, que eu tenho conduzido juntamente com meu colega Christian Klesse, (que trabalha na Sociologia na Manchester Metropolitan University), temos

procurado mapear e compreender o desenvolvimento das redes transnacionais de ativistas em relação à marcha pela igualdade na Polônia desde 2004. Essas marchas, tais como aquelas em Warsaw e Poznan têm, em alguns casos, sido proibidas pelas autoridades cidadinas e frequentemente foram coibidas pela força contra-protesto da violenta extrema direita. Nossa pesquisa tem procurado compreender as motivações dos ativistas, diferentemente localizados nas redes de contatos transnacionais desses eventos, examinar como eles entendem o conceito de solidariedade e como ele é praticado nessas redes. Nós descobrimos que questões como a idade e a geração são significantes nas narrativas ativistas de políticas de solidariedade – particularmente em relação às discussões e conflitos relativos à gênero e diferença cultural (BINNIE e KLESSE, no prelo). Como eu discuti recentemente em relação às políticas sexuais globais, as noções de solidariedade internacional e transnacional podem frequentemente mobilizar as problemáticas formações geo-temporais e construir algumas noções como sendo mais 'avançadas' e 'progressivas' em relação à outras, marcadas como 'atrasadas'. O debate atual sobre a solidariedade transnacional em relação às políticas LGBTQ tem sido lideradas pelas críticas pós-coloniais, de cor e *queer*. Em particular, os trabalhos de Jasbir Puar (2006) e Jin Haritaworn (2008) têm estado à frente no desafio do caminho em que as políticas LGBT podem ser incluídas no discurso anti-muçulmano em contextos como os Estados Unidos, o Reino Unido, os Países Baixos e a Alemanha. Nesse contexto, a solidariedade é uma problemática frequentemente compreendida de forma paternalista, como uma forma de resgate ou assistência ao 'Outro' (BRACKE, 2012) e serve para reproduzir relações desiguais de poder e uma forma de disciplinar o 'Outro'. A teoria pós-colonial tem sido produtiva em relação às discussões das políticas sexuais na Europa Central e Oriental, onde a União Europeia é criticada como um ator neocolonial, disciplinando a adesão dos Estados e Estados membros da periferia. Como eu não tenho estudado as políticas sexuais pós-coloniais entre a Europa Ocidental e a América Latina, eu não estou bem preparado para comentar a política transnacional de solidariedade entre Portugal e Brasil (todavia isto seja algo que eu estaria interessado em pesquisar colaborativamente no futuro). Meu trabalho com Christian Klesse nas geografias das redes transnacionais de ativistas em relação à Polônia tem evidenciado a necessidade de reconhecer a especificidade geográfica e desafiar as construções hegemônicas geo-temporais da Europa Oriental e Ocidental. Trabalhar em diferentes contextos implica focar o paroquialismo e as limitações das teorias

desenvolvidas nos contextos anglo-americanos.

**JMS e MJO: No texto 'Trading places: consumption, sexuality and the production of queer space' publicado em 1995 no livro 'Mapping desire' há uma perspectiva de construir uma análise que explora as relações econômicas e a produção de espaços sexualizados. Como as culturas sexuais tem sido elementos de apropriação pelo mercado?**

**JB:** Como mencionei anteriormente, as Geografias das Sexualidades são sempre rotuladas como sendo parte da Geografia Social e Cultural e em oposição à Geografia Econômica, apesar do pioneiro trabalho de Larry Knopp que focou a relação entre sexualidade e capitalismo através da análise de processos econômicos com a gentrificação. Eu chamei a atenção para escrever as dimensões econômicas dos espaços sexualizados por inúmeras razões. Durante meus estudos de graduação em Durham eu me especializei em Geografia Econômica e fui inspirado pelos ensinamentos de Ray Hudson sobre políticas de desigualdades de desenvolvimento regional no nordeste da Inglaterra e sul da Europa. Naquele tempo eu estava empolgado com o livro 'spatial Divisions of Labour' de Doreen Massey que evidenciava o significado de lugar e as dimensões generificadas do trabalho. Isso abriu intelectualmente todo um campo de gênero para mim. Eu fui muito afortunado por ter sido ensinado por Janet Townsend, quem me encorajou a participar do ERASMUS (Programa Financiado pela União Europeia) no seminário de Geografia e Gênero na Universidade de Amsterdam. Certamente que as culturas sexuais tem sido apropriadas pelo mercado. Contudo, eu também argumentaria que as culturas sexuais são promotoras, ou tornam-se possíveis pelo mercado. O mercado conjuntamente possibilita e constringe as culturas sexuais (na verdade é difícil imaginar muitos aspectos da atividade humana que não tenham sido apropriados ou colonizados pelo mercado de alguma forma). Eu tenho estado intrigado pelos caminhos que os direitos gays e lésbicos têm sido reivindicados, envolvendo termos econômicos, mesmo que essas reivindicações possam, algumas vezes, parecer estranhas (tal como a reivindicação ao reconhecimento legal da parentalidade de pessoas do mesmo sexo no Reino Unido que traria um estímulo à indústria hospitalar na Grã-Bretanha [STYCHIN, 2006]). Igualmente eu tenho estado fascinado pela forma com que lésbicas e homens gays têm sido representados, muitas vezes, como excepcionalidade, ou excessivamente mercantilizados ou portadores do neoliberalismo. No meu trabalho, procuro desafiar esse pensamento

**Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat**

## A Globalização da Sexualidade: Entrevista com Jon Binnie

essencialista a respeito do suposto *status* econômico do homem gay que tende a reproduzir a experiência da classe média como a experiência gay. Nas Geografias das Sexualidades há ainda muito trabalho para abrir frentes de investigação que desestabilizem as ortodoxias e as normatividades, enquanto simultaneamente desafiam formas de pureza teórica *queer* e de prática política.

### Referências

- BINNIE, Jon. Trading places: consumption, sexuality and the production of queer space. In: BELL, David; VALENTINE, Gill. Mapping desire. **Geographies of sexualities**. London: Routledge, 1995, p. 182 – 199.
- BINNIE, Jon. Coming Out of Geography: towards a queer epistemology? **Environment & Planning D: Society & Space**, v. 15, p. 223-237, 1997.
- BELL, David. Insignificant others: lesbian and gay geographies. **Area**, v. 23, p. 323-29, 1991.
- BELL, David. Bisexuality: a place on the margins. In WHITTLE, Stephen (ed.) **The Margins of the City**. Aldershot: Ashgate, 1994, p. 129 – 142.
- BELL, David. 'O que foi, tera sido?' A geografia a partir do queer. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da (Eds.) **Espaco, Genero e Poder: Conectando Fronteiras**, Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 201 – 214.
- BELL, David, BINNIE, Jon. **The Sexual Citizen: Queer Politics and Beyond**. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BELL, David, BINNIE, Jon, HOLLIDAY, Ruth, LONGHURST, Robyn, PEACE, Robin. **Pleasure Zones: Bodies, Cities, Spaces**. New York: Syracuse University Press, 2001.
- BINNIE, Jon. Sexuality, the erotic and Geography: epistemology, methodology and pedagogy. In: BROWNE, Kath; LIM, Jason; BROWN, Gavin (Eds.) **Geographies of Sexualities: Theory, Practices and Politics**. Aldershot: Ashgate, p. 29 - 38.
- BINNIE, Jon. **The Globalization of Sexuality**. London, England: Sage, 2007.
- BINNIE, Jon; KLESSE, Christian. 'Researching transnational solidarities around LGBTQ politics in Poland: brief reflections'. **Interalia**, n. 4, 2009. Disponível em: [http://interalia.org.pl/en/artykuly/current\\_issue\\_2009\\_4/02\\_the\\_manchester\\_seminar.htm](http://interalia.org.pl/en/artykuly/current_issue_2009_4/02_the_manchester_seminar.htm). Acesso em 23/06/2012.
- BINNIE, Jon and KLESSE, Christian. The politics of age, temporality and intergenerationality in transnational lesbian, gay, bisexual, transgender and queer activist networks, **Sociology**, forthcoming.
- BINNIE, Jon; LONGHURST, Robyn; PEACE, Robin. Upstairs/downstairs - place matters, bodies matter. In: BELL, David, BINNIE, Jon, HOLLIDAY, Ruth, LONGHURST, Robyn, PEACE, Robin. **Pleasure Zones: Bodies, Cities, Spaces**. New York: Syracuse University Press, 2001, p. vii – xiv.
- BRACKE, Sarah. From 'saving women' to 'saving gays': Rescue narratives and their dis/continuities. **European Journal of Women's Studies**, v. 19, p. 237-252, 2012.
- BROWN, Gavin. Ceramics, clothing and other bodies: affective geographies of homoerotic cruising encounters. **Social & Cultural Geography**, v. 9, p. 915 — 932, 2008.
- BROWNE, Kath; NASH, Catherine; HINES, Sally. Introduction: towards trans geographies, **Gender, Place and Culture**, v. 17, p. 573-577, 2010.
- BUTLER, Judith. Merely cultural. **Social Text**, v. 52 - 53, p. 265-78, 1997.
- DOAN, Petra. Queers in the American City: Transgendered perceptions of urban space. **Gender, Place and Culture**, v. 14, p. 57 - 74, 2007.
- DOAN, Petra. The tyranny of gendered spaces - reflections from beyond the gender dichotomy. **Gender, Place and Culture**, v. 17, p. 635 - 654, 2010.
- HARITAWORN, Jin. Loyal Repetitions of the Nation: Gay Assimilation and the 'War on Terror'. **DarkMatter**, n. 3, <<http://www.darkmatter101.org>>, 2008.
- MONK, Janice; HANSON, Susan. On not excluding half of the human in human geography. **The Professional Geographer**, v. 34, p. 11 - 23, 1982.
- NAMASTE, Ki. Genderbashing: sexuality, gender, and the regulation of public space. **Environment and**

Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat

## A Globalização da Sexualidade: Entrevista com Jon Binnie

**Planning D: Society and Space**, v. 16, p. 221 - 240, 1996.

NASH, Catherine.J. Trans geographies embodiment and experience. **Gender, Place and Culture**, v. 17, p. 579 - 595, 2010.

NAYAK, Anoop and JEFFREY, Alex. **Geographical Thought: An Introduction to Ideas in Human Geography**. London: Prentice Hall, 2011.

PUAR, Jasbir. Mapping US homonormativities. **Gender, Place and Culture**, v. 13, p. 67 - 88, 2006.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SILVA, Joseli Maria. Geography and sexuality in Brazil: spatial and subverting epistemological orders. Paper presented at the **European Geographies of Sexualities** Conference, Hogeschool-Universiteit Brussel, September, 2011.

STYCHIN, Carl. 'Las Vegas is not where we are': Queer readings of the Civil Partnership Act'. **Political Geography**, v. 25, p. 899 - 920, 2006.

WILKINSON, Eleanor. Perverting visual pleasure: representing sadomasochism. **Sexualities**, v. 12, p. 181 - 198, 2009.